

O NORDESTE E O CANGAÇO

Joselauro Justa de Almeida Simões

Cel Ex

Há momentos nos quais a realidade da vida se apresenta com bastante complexidade. Vamos nos deter em períodos históricos que envolveram a política regionalista do Nordeste, tão ignorada pelo grande público.

Seu conhecimento é básico para o entendimento da importante participação desta região na formação da nacionalidade brasileira.

Os fatos se reportam aos episódios repletos de heroísmo e valentia por parte de homens que se destacaram como verdadeiros líderes do seu povo.

Iniciamos pela chamada “Insurreição Pernambucana”, que culminou com a expulsão dos holandeses (1624 – 1654) nas batalhas dos Guararapes, quando surgiu uma consciência patriótica desencadeada por este movimento nativista. Cabe lembrar que a Holanda era uma potência de primeiro mundo. Sendo assim, era preciso criar, para a luta, uma nova modalidade de guerra – “A GUERRA BRASÍLICA” –, com o emprego de companhias de emboscadas. Destacaram-se as figuras de Matias de Albuquerque, de João Fernandes Vieira, de Antônio Felipe Camarão – o índio Poti – do negro Henrique Dias e do estrategista em guerrilhas o paraibano André Vidal de Negreiros.

Anos mais tarde o movimento nativista frutificou, chegando a vez dos portugueses, com a eclosão da revolução pernambucana em 1817, onde surgem outros atores, como o padre Miguelinho, o padre Roma, o frei Caneca, José de Barros Lima – “O Leão Coroado” – e o jovem paraibano José Peregrino Xavier de Carvalho.

A Maçonaria e a Igreja tiveram uma participação exemplar pela suas lideranças tanto em 1817 quando na revolução nativista de 1824.

Logo após a independência do Brasil (1822), D.Pedro I teve de enfrentar a revolta das províncias nordestinas em 1824, desta vez republicana e separatista.

Pernambuco contava com a adesão da Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará, na formação da “Confederação do Equador”, cuja bandeira tinha os seguintes dizeres: “Independência, União, Liberdade e Religião”.

Agora vamos ao sertão, região de difícil sobrevivência e com péssimas condições econômicas e sociais do homem, provocadas pelo clima e ausência do poder do Estado.

Surgia, em consequência, no sertão, nos idos de 1897, um andarilho que arrastava por onde passava grande quantidade de seguidores. Um homem de muita religiosidade e carisma e possuidor de um enorme poder místico era Antônio Vicente Mendes Maciel, vulgo Antônio Conselheiro, por distribuir conselhos a um povo simples, rústico e ignorante. Quis o destino que esse homem formasse o império do Belo Monte, na região do arraial de Canudos, às margens do rio Vaza Barris, no nordeste da Bahia.

Conselheiro, em seu movimento messiânico, pregava contra os pecados da república, que criara o casamento civil, separava a igreja do estado e cobrava impostos de uma população miserável.

O povo que seguia Conselheiro era constituído pelos excluídos da sociedade, pelos santarrões rezadores e até por cangaceiros convertidos às suas ideias. Não se podia prever que a pacata e conformada alma sertaneja partisse para a violência, enfrentando as forças policiais baianas e quatro expedições do Exército Nacional, em lutas sangüinárias, que durariam dois anos.

As dificuldades em derrotá-los consistiam no desconhecimento do terreno pela tropa, dificuldades de logística e o descrédito em relação ao valor dos jagunços. Nas investidas das forças governamentais, em vez de deprimidos, os sertanejos se tornavam cada vez mais fortes e determinados, sustentados por uma fé religiosa que chegava as raias do fanatismo.

Outra personagem muito referenciada no Nordeste é a do Padre Cícero Romão Batista (1844 – 1934) pela dedicação prestada a sua gente bastante sofrida em razão das secas, fenômeno climático cíclico que atingiu o sertão nos anos de 1877/78/79 e 1915.

O Padre Cícero foi perseguido e até excomungado pela sua Igreja, o que não impediu que, até os dias de hoje, o povo, nas romarias à Juazeiro do Norte, considerada a “Meca do Nordeste”, grite em alto e bom som – “VIVA MEU PADIM CIÇO”.

Mais recentemente (1930), grave turbulência acontece, desta vez, na Parahyba do Norte. João Pessoa, Presidente do Estado, na formação da chapa para senadores e deputados, sacrifica a candidatura de João Suassuna, ocasionando a ruptura das oligarquias políticas contra o seu governo. O Coronel José Pereira Lima, deputado estadual por quatro vezes, comerciante e fazendeiro, era um líder na região da cidade de Princesa, no alto sertão paraibano e distante 400 km da capital. Zé Pereira rompe com João Pessoa e

proclama o “território livre de Princesa”, criando uma constituição, jomal, bandeira e hino, enfrentando a Polícia Estadual com o emprego de tática de guerrilhas durante cinco meses.

No pretexto da procura de armas, a polícia invade a residência de João Dantas, de prestigiosa família da cidade de Teixeira e amigo de Zé Pereira.

João Dantas que possuía um temperamento corajoso e aguerrido não aceita passivamente a violação do seu escritório na Capital.

João Pessoa não rezava por cartilha diferente, sendo um homem de grande teimosia e coragem.

João Dantas por se julgar atingido em sua honra assassina a tiros, na Confeitaria Glória no Recife, o Presidente do Estado da Parahyba. A desavença leva, além das razões políticas, um cunho de crime passional, por estar envolvida a pessoa da sua companheira, Ana Beiriz, cuja vida particular foi escancarada publicamente.

A morte do político João Pessoa serve de estopim para a eclosão da revolução de 1930, unindo a Parahyba ao Rio Grande do Sul e Minas Gerais, que culminou na deposição do Presidente Washington Luiz, em 24 de outubro de 1930.

A Assembleia Legislativa da Parahyba, reunida em convenção revolucionária, troca a bandeira do Estado e o nome da Capital de Parahyba para João Pessoa.

João Dantas é morto ou se suicidou na cadeia pública do Recife, gerando essas versões muitas controvérsias. Zé Pereira após a morte de João Pessoa sai de Princesa e João Suassuna é assassinado no Rio de Janeiro.

Outra anormalidade que marcou o sertão nordestino foi o Cangaço, cuja duração atravessou os séculos XVIII, XIX e XX.

No dizer de João Lelis de Luna Freire – “O cangaceiro é o produto da falta de justiça e da nossa viciada educação política feita em gerações sucessivas”.

O princípio básico de atuação do cangaceiro era a ofensiva e a surpresa, aliadas ao seu hábil espírito de improvisação na prática das tocaias e das emboscadas. Mascando o seu fumo de rolo e mastigando a sua rapadura, surge o sertanejo tenaz, homem danado, paciente e silencioso, sempre a procura da oportunidade certa de apertar o gatilho.

O termo cangaço deriva da palavra “canga”, peça de madeira ajustada ao pescoço do boi, como suporte para tração da carga. Isto era pela comparação com o volumoso equipamento que os bandoleiros transportavam nas marchas forçadas através da caatinga.

Eram os cangaceiros perseguidos pelas “volantes”, realizando nos combates ataques, recuos, emboscadas, tocaias e negaças, características de operações de guerrilhas.

Fizeram escola no cangaço, entre outros, Antônio Silvino, Chico Pereira, Cassimiro Honório, Jesuíno Brilhante e Virgulino Ferreira da Silva – “O Lampião” –.

Lampião possuía um talento tático e estratégico, empregando o reconhecimento do terreno, o largo uso das informações, além de dividir os seus homens em grupos e subgrupos, para obter maior mobilidade, mascarando os deslocamentos.

Virgulino tinha uma destreza fora do comum no manuseio do seu rifle de repetição, dando o dobro de tiros de um atirador normal, daí vem o seu apelido de “Lampião”, pelo clarão provocado à noite pela sua arma.

Enquanto os também célebres cangaceiros Luiz Padre, Sinhô Pereira e Antônio Silvino usavam roupas normais. O bando de Lampião, ao contrário, usava trajes ornamentais, estéticos, com chapéu de couro, bornais, cartucheiras, coldres e bandoleiras enfeitadas em ouro e prata, com signos de Salomão, flor de lis, cruz de malta e estrelas de seis pontas. O armamento que usavam era o rifle *Winchester* 1892, cal 44, o fuzil *Mauser*, cal 7mm, pistola, revolver e o famoso punhal de 80 cm, para uso em sangramentos e outros fins. Calçavam alpercatas e bornais cruzados ao corpo, em vez de mochilas.

O cangaço deixou lembranças na literatura de cordel, na música, na dança e até hoje nos desafios dos cantadores de emboladas e cegos rabequeiros, nas feiras do Nordeste. Cabe lembrar a participação das mulheres no cangaço com destaque de Maria Bonita, Sila e Dadá, a mulher de Corisco, o vingador de Lampião, morto em 1940.

Os jovens que ingressavam no cangaço em sua maioria eram provenientes da Ribeira do Pajeú (PE), verdadeira universidade da violência. Pertenciam à classe média local, e, como sertanejos eram indiferentes à morte e insensíveis ao trato com o sangue, próprio daqueles que convivem com a natureza cruenta da atividade pecuária.

Os desvios de comportamento que os levavam para a criminalidade faziam com que buscassem um refúgio, em face de delitos praticados, desejos de vingança e a adoção de um novo meio de vida com total liberdade.

Lampião foi convocado para integrar os Batalhões Patrióticos no combate à coluna Prestes, mediante apelo do padre Cícero, recebendo para isso o título de Capitão. .

O período do cangaço no Nordeste foi longo, terminando com o declínio da vida de Lampião, no insucesso da tomada da cidade de Mossoró, no Rio Grande do Norte. Vítima de traição, Lampião foi morto na Grotta do Angico (SE), em um cerco da polícia alagoana comandada pelo Tenente João Bezerra, sendo degolado juntamente com sua companheira Maria Bonita e mais oito dos seus cabras. Assim desaparece um vencedor de desafios, chefe de autoridade jamais discutida, apesar da convivência de duas décadas com os homens mais perigosos do sertão. No dizer do cangaceiro Medalha, o seu chefe tinha, "o pensamento adiante da palavra", de par com a autoridade moral de quem "só comia e bebia depois que todos tivessem comido e bebido; só montava depois que todos tivessem montado".

O mundo dá voltas e, por incrível que pareça, Lampião é hoje admirado em todo o Nordeste, tendo se transformado em verdadeiro mito. Considerado por alguns, um bandido e, por outros, um justiceiro, por ter vivido em um tempo em que não se esperava a morosidade da justiça para se rebater uma afronta, resolver casos de honra, rixas entre famílias e disputas de propriedades.

O público que esse artigo pretende atingir é aquele constituído por compatriotas desconhecedores das histórias regionais do seu país, tão cheias de ensinamentos e atos de bravura. Sintetizamos alguns fatos no qual surgiram cidadãos brasileiros, cujo senso de liderança e coragem na tomada de atitudes era calcado no calor de suas veias, em razão da lenta evolução das estruturas políticas e sociais de uma época.